



Viagens internas: Ayahuasca e o Santo Daime

Este texto pretende apresentar o universo do Santo Daime ao leitor, enquanto um pequeno fragmento daquilo que se constituiu formalmente enquanto culto religioso no Brasil, gozando de autorização legal para consumo de bebida com alta capacidade ativa de alterar a psiquê, as sensações e percepções temporariamente.

Com interesse acadêmico, participei com um grupo de 10 estudantes de mestrado e de doutorado de um ritual de Santo Daime no Estado do Rio de Janeiro, no município de Nova Friburgo, na região de Galdinópolis. Num paraíso lastreado por Mata Atlântica, serra exuberante e baixas temperaturas ingressamos numa viagem conceitual. Dentre os vários estudos e leituras acadêmicas que realizamos durante uma semana no local, fomos introduzidos em debates que ligam homem/natureza, magia, feitiçaria e a própria constituição do espírito, as leituras centrais passam pelas leituras de Nietzsche, Guinzburg, Alan Moore (Monstro do Pântano) e escritos sobre o próprio Ritual do Santo Daime.

O Santo Daime é uma religião amazônica, que nasceu no Acre na década de 1930 e, desde lá, constituiu-se enquanto culto legalmente reconhecido. Os rituais do Santo Daime fazem consumo da Ayahuasca, que é um chá feito a partir de plantas amazônicas (Cipó Jagube e folhas do arbusto Rainha), a bebida possibilita estados alterados da mente, com redução da pressão sanguínea e aumento da atividade dos neurônios, o que, em geral, acarreta uma sensação de bem-estar espiritual e sensação de abertura das portas da percepção. No ritual, a partir da cosmovisão do Santo Daime, a Ayahuasca é responsável por permitir a conexão do homem com os vegetais. Na igreja que fomos, essencialmente cristã, a promessa de retorno de Cristo já teria sido concretizada, teria Ele retornado na natureza, na forma de Vegetal. Sendo assim, o Daime permitiria a (re)conexão do homem com Deus, ligando-o diretamente às forças naturais do cosmo-criador.

Tendo como referência o mestre Irineu, o ritual Santo Daime é intrinsecamente sincrético, misturando imagens e forças essencialmente cristãs com elementais e energias. A Ayahuasca é a bebida indígena que é consumida em todas as performances ritualísticas, permitindo o atingimento de um estado de êxtase. O Daime não é um sincretismo estanque e retilíneo, a bebida vem sendo incorporada em outras performances ritualísticas, tanto cristãs quanto de matriz africana diversas (Ubandaime).

O ritual no qual participei foi bastante marcado pelo canto do hinário de Germano Guilherme, um dos seguidores do mestre Irineu. A música conduziu todo o ritual. Iniciando com uma reza e cântico do hino de abertura, de pronto já se ingere uma pequena dose de Ayahuasca, equivalente a 1/4 de um copo comum de 300 ml. Após isso, as pessoas sentam-se em cadeiras, numa roda que circundam a uma mesa central, sobre ela havia uma vela centralizada e uma cruz de madeira com linhas paralelas. A chama é elemento simbólico essencial e não pode exaurir-se.

A visualização externa do fenômeno não demonstra muitas alterações, pois o Daime provoca alterações de percepções de ordem interna. Aqueles que consumiram passam cerca de 4 a 5 horas sentados, com olhos fechados a maior parte do tempo, face ao relaxamento muscular, à ampliação dos sentidos e à sensação de conforto parecida com a dos sonhos. A única dimensão que se externaliza são as expressões faciais, que demonstram sofrimento e/ou alegria, que se sucedem um atrás do outro no mesmo indivíduo. Ocorre um turbilhão de sensações que liga níveis da consciência ao inconsciente.

Vou narrar as minhas experimentações do Daime. Cético sobre o possível efeito, tomei-o e, durante 1h30 simplesmente não senti nada, segui em volta da fogueira que havia do lado de fora do *feitio*, buscando aquecer as mãos e os pés, segui conversando com alguns dos colegas que não ingeriram a bebida. Acreditei, na ocasião, ser imune aos ditos efeitos. Mas eu estava enganado, a Ayahuasca fez um percurso retardatário em mim, quando os demais participantes foram tomar a segunda dose (cerca de metade da primeira), fechei por um segundo os olhos e fui impulsionado a uma órbita inenarrável. Fui introduzido imediatamente num mundo fantástico, onde comecei simplesmente a surfar. No meu caso, o som do violão do hinário tornou-se condutor da viagem, um mundo colorido, com ondas fluidas e em movimento tomaram conta da realidade virtual, num horizonte infinito podia se ir a qualquer lugar, embora não tivesse destino algum.

Quando fechava os olhos, qualquer som ritmado me permitia subir na prancha, incorporei a condição do surfista prateado, com poderes de romper os céus, cortar o ar suavemente com leves movimentos, era um lugar, ou não-lugar, sem fronteiras. A sensação era fantástica, prazer e leveza conduziam toda a atmosfera.

Ao mesmo passo, a Ayahuasca permite a coexistência entre o virtual e o real, era um surfe multidimensional, havia uma nítida consciência corporal e psicológica, da ordem que conduz a comum racionalidade, o que permitiu analisar e pensar simultaneamente no que estava acontecendo com meu próprio corpo e onde eu estava. A qualquer momento que se abriam os olhos o mundo virtual, legal e divertido, encerrava-se abruptamente e o real se reconstituía. Sair do mundo virtual era incrivelmente perturbador, incomodava seriamente, a vontade era sempre retornar com toda força para o mundo virtual.

Como surfava nas ondas sonoras do ambiente, liguei-me aos seus balanços sem controle, minha cabeça balançava ritmada, respondendo ao chamado da música que demandava irresistivelmente para ser dançada. Por vezes éramos convocados a ficar em pé para alguma reza ou hino, meu corpo balançava e encontrava ritmo até no "Pai

Nosso”. Tinha a sensação de que o balanço do meu corpo em resposta à música era irresistível.

A noção da espacialidade e do tempo foram perdidas nessas 4h. Atividades simples, como descer um degrau, parecia um abismo, um metro poderia parecer quilômetros. Quando fui ao banheiro, a cerca de 20 metros, tive impressão de ter caminhado 5km subindo a montanha, e em todo o percurso as árvores e plantas mudavam sua tonalidade de verde, foi um verdadeiro carnaval multicolorido superdivertido. Ao mesmo tempo, o controle sobre todas as atividades parecia nítido – pelo menos parecia.

Pois bem, ao narrar isso queria introduzir vocês a um universo pouco conhecido por todos, embora vivamos numa região amazônica, pouco se fala e vive de experimentações alterativas da existência humana, práticas religiosas sincréticas, embora comum no Amapá (como o Marabaixo), silenciam a Ayahuasca. O Daime efetivamente nos proporciona sensações que não são possíveis de serem alcançadas na convencional e racional vida comum.



**Professor Bruno de Oliveira
Rodrigues**